

PRESENTACIÓN

Estimados leitores:

Os últimos acontecimentos do cenário econômico global acabam de demonstrar, de forma irretorquível, que a economia não constitui e não pode ser entendida como uma esfera autônoma da vida em sociedade, deixada livremente ao seu próprio curso para, nessas condições, exercer o seu papel espontaneamente gerador de crescimento econômico e de bem-estar. A recente crise econômica internacional demonstra, mais uma vez, a necessidade de um tratamento sempre político da economia, por meio do seu agendamento no debate público e da discussão permanente sobre a forma e o grau de regulação das atividades econômicas. Do contrário, como se observa pelo teor das medidas imediatas de administração da crise, a economia capitalista de mercado continuará privatizando os resultados da acumulação e, especialmente nos momentos de crise, socializando de modo explícito os seus custos e prejuízos, para o conjunto da sociedade.

O paradigma da racionalidade utilitarista, associado à liberdade econômica individual e à elusão das dimensões ético-políticas dos sistemas de produção e circulação de riquezas, mais uma vez fracassa e expõe suas falácias. Esses fatos tornam ainda mais vital e urgente a reflexão sobre as experiências que ampliam o cânone da vida econômica e sobre os instrumentos intelectuais adequados para impulsioná-las, no sentido de fortalecer *outra economia, outra sociedade e outra política para a América Latina*, como dizíamos no lançamento do primeiro número desta Revista.

Nesse terceiro número, *Otra Economía* segue no esforço de cumprir com esses objetivos, a começar pela seção *Sociedad, Economía y Política*, na qual figuram contribuições intimamente associadas à necessidade de reconstrução do pensamento econômico. No primeiro artigo, **Armando de Melo Lisboa** volta-se sobre a obra seminal de Karl Polanyi, demonstrando como a valorização crescente desse autor explica-se pela atualidade de sua obra, como fundamento de uma racionalidade econômica que transcende a ordem instaurada sob a égide do capital, em direção ao passado e ao futuro. **Cláudio Nascimento**, a seguir, prescrua as raízes práticas e discursivas da autogestão, um conceito nodal nas experiências históricas do movimento operário e nas iniciativas presentes de economia solidária. A partir de ampla pesquisa, evidencia a relação umbilical entre autogestão e socialismo, considerando esse último como uma expressão das aspirações emancipatórias dos trabalhadores, a serem reinseridas, em nossos tempos, dentro de um projeto autogestionário. As duas últimas contribuições, de **José Luis Coraggio** e **Luiz Inácio Gaiger**, complementam-se ao abordarem, sob ângulos ligeiramente diferentes, os problemas de viabilidade e consolidação dos empreendimentos de economia solidária. Há que atentar para a profusão de programas de apoio às pequenas iniciativas econômicas que buscam tão-somente inseri-las como agentes subordinados de uma economia de mercado inquestionada em seus fundamentos. Tais iniciativas passam ao largo de um obstáculo evidente ao êxito que perseguem, à medida que não se interrogam sobre os limites intrínsecos do mercado à presença de novos competidores, senão no papel de agentes subsidiários que não comprometem a equação entre custo e eficiência do sistema. A conversão dos pobres e da economia do trabalho em linha auxiliar da economia capitalista apenas redundará em seu maior enfraquecimento e em bloqueios à ativação dos seus recursos específicos, eminentemente relacionais e cooperativos. Cabe então uma dupla crítica, às noções habituais de

empreendedorismo e aos programas que visam estimulá-lo, aliada a um esforço de promoção de iniciativas segundo novo parâmetros, para além da hegemonia ainda persistente do modelo neoliberal.

Essa perspectiva crítica deve alimentar-se de novos aportes teóricos e de maior distanciamento do cenário construído pela ordem dominante. Na seção *Economía Social y Solidária: contribuições teóricas*, um aporte valioso nesse sentido nos é trazido por **Everton Lazaretti Picolotto**, que destaca o valor primordial das transformações de natureza sociocultural, sinalizadas por valores como a solidariedade e o reconhecimento, reportando-se para isso à teóricos da nova sociologia econômica e dos novos movimentos sociais. Por seu lado, **Juan Carlos Vargas Soler** propõe uma nova leitura crítica da formação das sociedades latino-americanas, marcadas pelo sentido destrutivo e pelo caráter coercitivo do paradigma da modernidade e colonialidade. Os intentos de uma nova construção histórica, desse ponto de vista, devem orientar-se por um trabalho de concepção e desenvolvimento de economias com sentido vital e descolonizador.

A par da reflexão teórica de grande amplitude, o acompanhamento das práticas efetivas, proposto na seção *Economía Social y Solidária: experiências y sujetos*, é indispensável. **Júlio Jader Costa** e **Ramon Ramalho** analisam projetos de autogestão segundo uma perspectiva gramsciana, sistematizando e fazendo um balanço de experiências práticas. **Luis Wilfredo Montoya Canchis** debruça-se sobre a experiência histórica do Peru, da qual extrai linhas de pensamento social autóctone que compõem um quadro original, especialmente em sua referência às comunidades indígenas. **Caroline Goerck** e **Leonía Capaverde Bulla** centram-se na organização do processo de trabalho e avaliam o grau de autonomia e autodeterminação de cooperados e associados de empreendimentos solidários. O seu avanço requer o aprofundamento das experiências, com maior concurso de políticas públicas de apoio.

O número se conclui com a seção de *Reseñas*, onde **José Luís Alves da Silva** e **Sandra Isabel Reis da Silva** apresentam uma avaliação abrangente das mudanças no mundo do trabalho, compreendendo questões relacionadas ao emprego, ao sindicalismo e às políticas sociais. Esse balanço, realizado por **Mário Murteira** em *A nova economia do trabalho*, conclui pela natureza ainda aberta e relativamente imprevisível do curso das transformações.

Enquanto o mercado capitalista se desgoverna, assombrando a todos com o espectro de uma crise social de dimensões incomuns, percebe-se que *os elementos fundamentais do processo de formação e de reprodução da sociedade humana*, na expressão de **Jean-Louis Laville**, obedecem a um jogo bem mais complexo e, felizmente, mais rico. Ao Norte, segundo nos relata esse autor na seção *Economía Social en Europa*, há dez anos ganham vitalidade e maior nitidez práticas cidadãs de inequívoca similaridade com o fenômeno da economia popular no Sul. Desdobrando-se em questões relacionadas à vida cotidiana, à melhoria das condições de vida, à cultura e ao entretenimento e, ainda, à proteção do ambiente natural, elas comportam novos protagonismos, fundados no comprometimento subjetivo dos atores com a coletividade e na participação, especialmente sob formas associativas e cooperativas. Conhecidas como *serviços de proximidade*, essas iniciativas se multiplicam em vários países, a reafirmarem que o destino da humanidade depende da implicação individual e da mobilização coletiva conscientes, o que supõe tornar a produção material da vida um item da agenda democrática e, portanto, politizar e democratizar a economia.

Boa leitura!

Os Diretores.